

ALGUNS VERBÊTES DO "DICIONÁRIO DE ETIMOLOGIAS DA LÍNGUA PORTUGUÊSA

R. F. MANSUR GUÉRIOS

Respondendo a consultas na secção "Divagações Lingüísticas", principalmente no semanário VOZ DO PARANÁ, desta Capital, consegui, desde 1956, acumular muitos estudinhos, pesquisas alheias e próprias, que, selecionados os referentes à etimologia, achei seria de proveito enfeixá-las em coletânea e batizá-la com o título pomposo de DICIONÁRIO DE ETIMOLOGIAS DA LÍNGUA PORTUGUÊSA.

Em vista de os verbêtes procederem de colaboração na imprensa, não têm uniformidade na feitura e apresentação, e, acima de tudo, não têm a riqueza bibliográfica que poderia ter, se o pensamento inicial fôsse um dicionário etimológico. E é sob êstes aspectos que deve ser julgada a obra.

Apesar de tudo, esforcei-me para não falhar gravemente, e, não ignorando os novos horizontes da lexicografia etimológica, tratei, na medida do possível, de não ficar satisfeito exclusivamente com o lado fonológico dos vocábulos, mas acrescentar-lhe o lado histórico, ou, no dizer de Kurt Baldinger, "la biographie du mot", que, em verdade, é mais do que isto, pois, consoante Schuchardt, "l'étymologie n'est pas au fond une histoire des mots, mais une partie de l'histoire de l'humanité, le plus souvent même de la vie des individus".

* * *

A origem das palavras desperta interêsse não só dos especialistas, mas também do público em geral. A curiosidade, sem a qual não pode haver ciência, nem progresso, verifica-se em todos os setores da vida humana, não excluído o prodigioso meio de comunicação que é a linguagem.

É querer saber a origem das palavras, sua história, sua evolução, não difere absolutamente do querer saber a origem das coisas que nos rodeiam. Assim, a etimologia, especialidade da investigação histórica dos vocábulos, vem a satisfazer uma necessidade do espírito humano, tanto mais natural quanto mais sabido é que as palavras não se separam das coisas que elas evocam.

* * *

Eis alguns verbêtes, apresentados como amostra:

ABOLIÇÃO — Forma culta, do lat. **abolitio, abolitionis**, "supressão, remissão, anulação, anistia". **Abolição, abolicionismo** e **abolicionista**, com referência especial à extinção da escravidão, são adaptações do ingl. respectivamente **abolition, abolitionism, abolitionist**, de origem norte-americana (Dauzat, Nascentes, Corominas, Machado). Atente-se para a Guerra Civil entre os estados setentrionais e os meridionais dos Estados Unidos (1861-1865), de cuja luta saiu vitoriosa a abolição, fato que ecoou nas Américas. Veja-se, p. ex., êstes versos de Castro Alves: "Não ouvis do Norte um grito,/Que bate aos pés do infinito,/Que vai Franklin despertar?" "E' o grito dos Cruzados,/Que brada aos moços "de pé!"/E' o sol das liberdades/Que espera por Josué,/São bôcas de mil escravos/Que transformaram-se em bravos/Ao cinzel da abolição"./"Ao grito do Niagara/Sem escravos, Guanabara/Se eleve ao fulgor dos sóis". (Poesias Completas, 2.^a ed., Saraiva, 441 e ss.). E', contudo, bem provável que a Inglaterra tenha sido o conduto dessas expressões para o Brasil, visto que êsse país, no séc. 19, se tornou partidário da extinção do tráfico negreiro para a América, conseguindo no Tratado de Aliança e Amizade (Rio, 1810) "que se restringisse às possessões portuguesas o tráfico de escravos, com a promessa de abolição gradual do transporte de negros para o Brasil" (H. Viana, Hist. do Br.).

ABRICÓ — Do fr. **abricot**, "damasco". Foi aplicado êsse n. a uma fruta brasileira, originária do Pará, por ser semelhante ao damasco. A designação estrangeira é devida à Guiana Francesa, limítrofe dêsse Estado (Goes), por isto os sinônimos **abricó-do-pará, abricó-selvagem**, e, de uma variedade, as denominações **abricó-do-mato, abricó-do-brasil** (E. Teixeira, Frutas do Brasil). Há referência a essa fruta em Fernão Cardim (séc. 16), que a compara ao **abricó** (J. P. Machado). Outras formas: **abricô** e **abricote**. Esta é baseada na grafia **abricot**, e dela se fêz **abricoteiro**.

ABROLHO — 1) Do lat., contração de **aperi oculos!**, "abre os olhos!", advertência ao segador em terreno coberto de abrolhos, a fim de evitá-los (Corominas); daí o n. da "planta rasteira

e espinhosa". Do primitivo **abrolhos** se fêz o singular. 2) De **abre ôlho!**, exclamação para advertir que no mar há escolhos; daí "abrolho, penhasco". Fr. D. Vieira diz que esta expressão é do Brasil.

ACHA — 1) "Pedaço de lenha", do lat. ***asc[u]la**, dim. de **assis**, "táboa". Silva Neto: De **ássula**, outro dim., e daí ***astla**, ***ascla**. 2) "Arma", do fr. **hache**, por sua vez do franco ***hapia**, "faca em forma de foice". Do fr. também o port. arcaico **facha**, cujo **f**-se deve ao **h**-, aspirado, no fr. arc. — Com o port. **acha-de-armas** distingue-se de **acha**, "lenha", e o arc. **facha-d'armas** para distinção de **facha**, "tocha".

ACORDAR — 1) "Despertar", do lat. ***acoritare**, de **ad** + ***coritare**, por sua vez de ***co**+**oritare**, freqüentativo de **oriri**, "levantar-se, etc.". (V. Buescu). 2) "Concordar", do lat. **accordare**, por substituição do prefixo de **concordare**, "estar de acôrdo", por sua vez de **con**+**cordare**, de **cor**, **cordis**, "coração" (cp. **num coração**, "com sentimentos comuns"). 3) "Recordar", talvez de **acordar**, "despertar", isto é, "despertar a mente", favorecido por **recordar**.

ARTESÃO — Adaptação, com influxo de **arte**, de **artisanso**, de um dialeto da Itália setentrional, correspondente a **artigiano** do toscano ou italiano oficial. Outra forma, mais próxima do étimo, é **artesano** (Morais). Primitivamente referia-se ao artista de artes plásticas.

CASA — Do lat. **casa**. É bem plausível que se deve ao cristianismo a vitória, no latim vulgar, de **casa** sôbre **domus**. Ambos os vocábulos pertenciam à língua oral, mas não se usava um pelo outro. **Domus** era "casa" em sentido genérico, e **casa** queria dizer "cabana, choupana, casebre". Certamente foi o Evangelho aos pobres, foi o aprêço à pobreza que prestigiou a **casa** dos seus habitantes, em quase tôdas as línguas românicas, inclusive no francês arcaico. **Domus** sobreviveu no logudorês e sobreviveu no bergamasco.

CHURRASCO — Assim o conceitua Carlos de Moraes: "Assado feito sôbre brasas, sem o auxílio do espêto, ao passo que o assado pròpriamente dito, isso que por aí se diz errôneamente **churrasco**, é feito recorrendo-se ao auxílio do espêto, no qual é a carne espetada e assim levada ao fogo, sem nunca tocá-lo diretamente. Churrasco pode ser feito com a carne com o couro ou sem este". E mais adiante: "Cezimbra Jacques, tendo sido interpelado pelo autor, sôbre este vocábulo, declarou-lhe que churrasco era a carne assada com o couro, diretamente lançada sôbre as brasas, sem sal, conforme o uso entre os indígenas da América do Sul". Os civilizados da cidade e do mato em geral não procedem assim.

O termo **churrasco** é, segundo Corominas, de procedência dialetal espanhola, e entrou para o vocabulário brasileiro através das fronteiras gaúchas em contacto com os uruguaios, paraguaios e argentinos.

Na Espanha, o verbo **socarrar**, que significa "queimar ou tostar superficialmente uma coisa", tem, entre outros, o correspondente dialetal (Múrcia e Almeria) **chuscarrar**, derivado de ***soscarrar**. De **chuscarrar** criou-se, no andaluz (Andaluzia) e no berciano (dialeto leonês de Bierzo), a forma **churrascar** e daí foi transportada para a América, zona rioplatense, onde se criou o posverbal **churrasco**, nome aplicado à carne posta na brasa, conforme o uso indígena ou dos próprios colonos. **Socarrar**, ponto de partida, é de origem pré-romana, do mesmo radical que o basco **suharra**, "fogo, incêndio, chamas" (hoje apenas "febre"), composto, por sua vez, das expressões sinônimas **su**, "fogo" e **harra**, "chamas".

CIPRESTE — E' o resultado do cruzamento do port. arc. **aciprés**, "cipreste" (proveniente do francês **ciprès cyprès**), ao lado de **acipreste**, **arcipreste**, "pároco". Ao lado dêste, há ainda a forma popular **acipreste**. A supressão do **a-**(**acipreste**) deve-se ao influxo culto, que o ligou ao lat. **cypressus**, origem remota. — "O port. **acipreste**, o galego **alcipreste**, a(l)-**ciprés**, e o italiano dialetal ((Pistoia) **arcipresso** mostram que se relacionou popularmente esta árvore de igrejas e cemitérios com a palavra **arcipreste**, "pároco", por uma pitoresca etimologia popular" (Corominas). Em espanhol antigo também (**a**)**ciprés**, **acipreste**. — O lat. tardio **cypressus** (arc. **cupressus**) provém do grego **kupárrissos**, e é aparentado ao assírio **giparu** e ao hebraico **goper**; tem por étimo **c'ipuru**, "faia", de uma língua paleo-européia (K. Treimer, *Orbis*, VI, 2, p. 443). — Pelo fato de se julgar outrora incorruptível a sua madeira, passou o cipreste a símbolo da imortalidade, sendo, em conseqüência, plantado em cemitérios (uma variedade é assim chamada **cupressus funebris**, "cipreste fúnebre"), e, com isto, essa árvore veio também a significar "morte, luto, tristeza", especialmente na poesia (donde o dito **converter os louros em cipreste**, "converter a vitória em luto"). Soares de Passos dá o qualificativo de **feral** a essa árvore no poema ultra-romântico "O Noivado do Sepulcro": "O vento geme no feral cipreste / O môcho pia na marmórea cruz".

COLCHÊTE — Talvez de ***crochete**, aportuguesamento do fr. **crochet**, "gancho", com influência de **colcha**. — Segundo a definição de Morais (1813), trata-se do **colchête-de-gancho**: "obra de fio de arame, que prende como os alamares; usa-se para tomar as aberturas dos vestidos, etc." O colchête-de-gancho, que ainda se fabrica, foi o antepassado do **colchête-de-pressão**, êste inventado em 1885 por Heribert Bauer, alemão de Pforzheim. O técnico americano William Prym melhorou-o, inventando o ino-

xidável, aí por 1920. Com a fabricação do **colchête-de-pressão**, houve necessidade de qualificar o anterior **colchête-de-gancho**.

EDIFICAR — Os vocábulos **edificar**, **edificação**, **edificante**, referentes a idéias morais, são expressões cultas de origem religiosa. O primeiro quer dizer “dar bom exemplo, doutrinar moralmente”; o segundo, substantivo, significa “bom exemplo”; e o terceiro é o adjetivo correspondente. Vêm respectivamente do lat. **aedificare**, **aedificatio**, **aedificans**. No port. arc. havia tão só **eivigar** (evolução de **aedificare**), com o sentido não só moral, mas ainda físico. Foi desalojado por **edificar**, certamente favorecido pelos cognatos.

Nos Evangelhos o reino de Deus é comparado a um edifício, os fiéis às pedras desse edifício de que Jesus é a pedra angular (Mat., XVI, 18; XXI, 42; Luc., XX, 17, etc.). Antes do cristianismo, êsses vocábulos latinos só se aplicavam a matérias.

FOFOCA — Da gíria carioca, “intriga”, talvez de **fôfo**, “leve, macio”, donde **fofice**, “ vaidade, bazófia”. O sufixo **-oca** é depreciativo: **bichoca**, **engenhoca**, etc. O sentido primitivo é “conversa fiada, palavrório pretensioso” e daí “intriga”.

GRANJA — Aportuguesamento do fr. **grange**, “celeiro”, por sua vez do adjetivo lat. **granica** (abreviamento de **cella *granica**, “depósito de cereais”), baseado em **granum**, “grão, cereal”. — Deve-se aos monges cistercienses a sua popularização, os quais, tendo como divisa — **Qui non laborat, non manducet**, “quem não trabalha, não come” (cf. II Tess., III, 10) — são, todavia, vegetarianos, e, por isto, dedicados à agricultura. — O lingüista Paul Aebischer no estudo (RPF, II, 1948) acerca desse vocábulo na França (**grange**), reconheceu o grande interêsse dos religiosos beneditinos e especialmente os cistercienses pela agricultura, pois “adotaram o termo **granja** no seu vocabulário particular, atribuindo-lhe um sentido especial”, e citando d’Arbois de Jubainville: “As granjas e os celeiros eram freqüentemente espécies de abadias em ponto pequeno”. E a êsses religiosos se deve a grande vitalidade e difusão do termo não só na França, mas também na Suíça, Itália, Espanha e Portugal.

Em Portugal, onde a influência de Cister foi considerável, a começar do séc. 12, salientam-se os seus conventos de S. Cristóvão de Alafões, o mais antigo, de Alcobaça, Fiães, Salceda, Santa Maria da Estrêla, Santa Maria de Aguiar, e “é sob sua influência que **granja** se introduziu, primeiramente nas chancelarias, e em seguida no vocabulário corrente”.

O lexicógrafo Santa Rosa de Viterbo (Elucidário) registra, a propósito de **granja**, **grancha**, que esta palavra “foi trivial depois que êles (os religiosos de Cister) começaram a ter casais, e terras: umas, que cultivavam êles mesmos, e outras, que por seus casei-

rôs, ou colonos agricultavam". — A forma **grancha**, hoje arcaica, provém do fr. **granche**, variante arc. de **grange** (Hauterive, Dict.). — **Granja** também está difundido no Brasil, como "sítio ou fazenda em que é feita a pequena indústria agrícola" (Aulete). No Paraná, emprega-se com o sentido de "sítio onde se criam principalmente aves de corte, e se produzem ovos".

PARABÉM — Da expressão votiva — **para bem . . . !** — empregada em certas circunstâncias. No interior de Portugal é ainda ouvida, p. ex., quando uma criança espirra — **Para bem cresça!** (Rev. Lus., XX, 72). — Usa-se mais no plural — **parabéns** — em vista da tendência expressiva; cp. **bons dias, boas tardes, boas noites, felicitações, felicidades, congratulações, boas festas**, etc.

PARAFUSO — Do lat. ***pare fusu**, "fuso parelho". Ao contrário do lat. **fusu** (port. **fuso**), "peça de madeira para fiar, a qual vai gradualmente ficando delgada numa das extremidades", o ***pare fusu** não tem o adelgaçamento. — Fonologicamente, no port., não houve a sonorização do **-f-** em **-v-**, pela consciência da composição, e o **-e-** mudou em **-a-** por influxo do **-r-** ou por assimilação. Do lat. também o esp. **parahuso** e o asturiano **parafusu**.

PIRÃO — Abrev. e aport. do tupi **mi-ndypyrõ**, "ensopado" (com **mi-** prefixo de participio passado), de **typyrõ**, "ensopar", isto é, "pôr (**rõ**) a apertar (**py**) o líquido (**ty**)" (Montoya).

SUPERVISÃO — Adaptação do inglês americano **supervision**, "direção ou orientação em plano superior". O ponto de partida foi a linguagem do cinema. A supervisão diz respeito, em primeiro lugar, à realização artístico-industrial de um filme. Do americano o vocábulo passou também para o francês e italiano. — Do subst. **supervisão** criaram-se os verbos sinônimos **supervisar** e **supervisionar**.

TABEFE — "Leite das ovelhas fervido, e engrossado com algum tanto de farinha e açúcar" (J. de Sousa, Vestígios): "iguaria, espécie de caldo grosso, feito de leite, açúcar e ovos; sôro de leite coalhado" (C. de Figueiredo). Do árabe **tabihi**, "aquilo que se faz cozer", do genitivo. "Segundo Al-Karki, designa-se especialmente pelo termo a iguaria em cuja preparação entra caldo, com carne ou banha. Os fritos secos não se podem designar assim" (M. Nimer). Outra forma: **atabefe**, com o artigo ár. **at**, com assimilação do **l** de **al** "o, a, os, as". — Metafòricamente, **tabefe** significa "bofetada, sopapo", e parece que o vocábulo com êste sentido é o que se conhece no Brasil. Paralelismo semântico em **bôlo**, com o significado de "palmada"; em **bolacha**, "bofetada"; em **biscoito**, idem.

TEQUILA — Do esp. mexicano **tequila**, "uma bebida alcoólica do México, semelhante ao gim, que se destila de uma espécie da planta maguei". Seu nome deriva-se de **Tequila** ou **Tequi-**

lan, lugar onde ela é fabricada, distrito e cidade do estado de Jalisco. E' também a denominação dessa planta.

VULCANIZAÇÃO — Do inglês americano **vulcanization**, nome patenteado em 1844 pelo industrial norte-americano Charles Goodyear, por ocasião do seu invento: mistura de borracha com enxôfre, em estufa de calor intenso, para que a borracha não perca a elasticidade, tornando-se insensível às intempéries e aos dissolventes e ácidos. — O nome foi dado em atenção a **Vulcano**, deus do fogo, entre os romanos.